



Foto-cine Clube Bandeirante

DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI ESTADUAL N.º 839 DE 14 DE NOVEMBRO DE 1950
FILIADO À CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FOTOGRAFIA E CINEMA (C.B.F.C.)

RUA AVANHANDAVA, 316 (Sede Própria) FALCÃO POSTAL, 8861 * TELEFONE 32-0937

SÃO PAULO

BRASIL

"DIE PUPPE"

"Die Puppe" - Produzida na Alemanha em 1919 - Dirigida por ERNST LUBITSCH
Fotografada por Theodor Gparksuhl - Elenco: Mar Kronert (Barão von Chanterelle), Hermann Thimig (Lancelot), Bictor Fanjou (Hilarius), Marga Köhler (sra. Deffen), Offi Oswalda (Offi), Jacob Thiedike (o prior), Berhardt Thhiedike e Josefina Dora.

O ARGUMENTO - O jovem filho do Barão von Chanterelle está na idade de casar, mas as mulheres lhe infundem terror. Tantas são as pretendentes que o perseguem, que ele se refugia num mosteiro. Só a ideia de casar-se com uma boneca inventada por Hilarius a qual em tudo se assemelha a uma mulher normal, o faz sair. Aos frades, este "casamento" interessa, pois finalmente o jovem herdará a fortuna do barão, que deixara para os gulosos religiosos. Na hora de ser feita a entrega da boneca, há um equívoco e quem vai no lugar dela é a modelo, a criadinha da casa de Hilarius. Engano que o jovem noivo somente vai descobrir muito mais tarde, já no leito nupcial...

O DIRETOR - Ernst Lubitsch nasceu em Berlim em 1892, estreou no cinema - em 1914 como ator especializando-se em papéis de jovem caixeiro judeu (ele era filho de judeus e seu primeiro emprego - foi de vendedor na loja do pai), dirigiu seu primeiro filme alemão em 1915 e em 1923 foi contratado por Hollywood, onde fez brilhante carreira e onde veio a falecer em 1947.

Graças aos filmes monumentais que realizou de 1920 a 1922, em torno das figuras históricas, foi chamado pelos críticos cinematográficos norte-americanos "o Griffith alemão" e considerado por eles "O grande humanizador da História". O que, na realidade Lubitsch havia feito, era uma recriação da intimidade de figuras como Madame Du Barry e Ana Boleina, em tom caçoista, - mais ou menos na linha de um Tolstoi ao descrever Napoleão - ou um Shaw revivendo César.

Mas é na sutil ironia que achamos o criador do "toque Lubitsch". Tanto - na fase alemã como na norte-americana, foi Lubitsch um dos mais mordazes ironistas do cinema: ligeiro mas não superficial. Isto fica patente em fitas como "O Leque de Lady Windermere" (1925), "O Príncipe Estudante" (1927) e "A Viuva Alegre" (1934), recentemente reprisada entre nós com grande sucesso.